



TAILÂNDIA

Anatomia de uma Vitória de Contra-Insurgência

Thomas A. Marks, Ph.D.

TODAS AS FOTOS SÃO CORTESIA DO AUTOR

PARA OS ESTUDANTES de guerras, importantes casos históricos relacionados à presente contra-insurgência dos Estados Unidos no Iraque são abundantes, apesar de nem sempre, obviamente, serem semelhantes. A Guerra do Vietnã pode ser apontada como um desses casos. Aquele conflito proveu numerosas lições relativas a contra-insurgências, porém muitas delas foram ignoradas, pois alguns analistas simplesmente estudam essa guerra como se fosse um evento que ocorreu em meio a um vácuo regional. Eles se esquecem de que a luta no Vietnã foi apenas parte de um conflito regional mais abrangente envolvendo outros teatros de operações nacionais. Cada um daqueles teatros possuía características próprias e formas distintas de envolvimento dos Estados Unidos. Conseqüentemente, cada caso nos oferece um conjunto separado de lições para as campanhas atuais. A contra-insurgência na Tailândia, entre 1950-1983, foi uma dessas campanhas, porém distinta das demais.

O caso tailandês é particularmente importante para nós porque foi, do início ao fim, mais análogo a nossa experiência de assessoramento no Vietnã, no período de 1955-65, do que o emprego de forças de combate na década que se seguiu entre 1965-73. Como consequência, existem muitas semelhanças nesse caso que os veteranos de El Salvador, Colômbia, Perú, Afeganistão e Iraque logo reconheceriam. Isso é importante, pois o lado convencional da Guerra do Vietnã, como retratado em filmes tais como *We Were Soldiers*, *Platoon* e *Hamburger Hill* ocorreu após os esforços iniciais para fortalecer as capacidades do Estado haverem falhado. De forma contrária, tais esforços não falharam na Tailândia, o que faz das circunstâncias e natureza de nosso envolvimento nesse país um importante estudo de caso para estudantes sérios de contra-insurgências atuais.

Apesar dessas palavras iniciais, as precauções usuais, como veremos, sejam talvez ainda mais importantes neste presente caso de estudo. Cada insurgência tem características próprias e no caso tailandês isso foi ainda mais verdadeiro. Por fim, fatores especificamente “tailandeses” conduziram os eventos, mas a habilidade da contra-insurgência, com ou sem o auxílio americano, para operar com sucesso dentro dos distintos parâmetros da cultura tailandesa – mesmo que os rebeldes não o tenham feito – nos oferece lições particularmente instrutivas.¹

FOTO: Nas áreas montanhosas da província de Chiangrai, no norte da Tailândia, em 1987, o autor utiliza-se de mandarins para falar com membros da tribo Yao. Os Yao e os Mandarin são parentes, permitindo a comunicação. Membros da tribo haviam relatado desmatamento ilegal, o que estava afetando seus campos de colheita; o governo estava buscando averiguar se os rebeldes estavam usando tal atividade para gerar fundos.

Thomas A. Marks é professor de Terrorismo, Insurgência e Contra-Insurgência na Escola para a Educação Executiva em Segurança Nacional (School for National Security Executive Education — SNSEE) da National Defense University e também Titular Catedrático do Departamento de Guerra Não-Convencional. Ele é titular de um bacharelado da Academia Militar dos Estados Unidos (United States Military Academy), e um Doutorando da Universidade de Havaí. Um ex-oficial do governo, Dr. Marks é o autor de Maoist Insurgency Since Vietnam (Londres, 1996), considerado o padrão atual sobre o conceito de “guerra popular”. Seu último livro é Maoist People’s War in Post-Vietnam Asia (Bancoc, 1996), a ser publicado em breve nos EUA). Ele tem conduzido palestras e publicado amplamente artigos sobre terrorismo e insurgência.

Construindo o Contra-estado

Como em outros conflitos regionais, o conflito tailandês cresceu a partir de uma busca comunista pelo poder. Em um desafio ao Governo Real, o Partido Comunista da Tailândia (*Communist Party of Thailand — CPT*) descartou sua adesão pré-Segunda Guerra à ortodoxia Marxista-Leninista, abraçou o Maoísmo e adotou a *guerra popular* como sua estratégia. Guerra Popular é uma estratégia político-militar criada por Mao-Tsé-Tung. O conceito principal da Guerra Popular é buscar e manter o apoio da população e forçar a ida do inimigo para as profundezas do interior do país, onde a população o arrasará com uma mistura de combate móvel e guerrilha. Desde o início, a transformação da sociedade foi o objetivo do CPT. Sua estratégia era negar ao Estado seu superior poderio militar pela mobilização da população contra este poder, por intermédio da criação de um contra-estado. A mobilização direta de uma base popular e sua mobilização indireta, por meio da organização de frentes, seriam as linhas principais das operações do partido. A violência seria apenas uma entre

muitas ferramentas de uma campanha política armada, planejada tendo como objetivo marchar firmemente rumo a tomada da capital, Bancoc.

Taticamente, o Partido Comunista utilizou unidades de guerrilhas locais para desafiar o controle governamental de certas áreas do país, pois forças principais nunca foram formadas. Operacionalmente, a ligação entre o partido e os guerrilheiros se fazia por intermédio de uma infra-estrutura clandestina, o contra-estado, baseado no controle do CPT de certas localidades que funcionavam como suas bases para futuras expansões. Para estabelecer sua autoridade nessas áreas, o CPT utilizava-se do terror. Moradores desobedientes ou aqueles vistos como símbolos da autoridade governamental por suas posições dentro da comunidade como líderes de vilas ou professores eram os alvos preferenciais.

Simultaneamente, para atrair o apoio popular, os temas políticos e a propaganda do CPT concentravam-se em promover a percepção de que o partido era o único a lutar pelas causas da população tailandesa e o único instrumento efetivo para combater as injustiças sociais. Por isso, o CPT concentrava suas principais atividades nas



Foto apreendida, mostrando combatentes do CPT em uma base no sul da Tailândia. Como típico da época, os rebeldes procuravam imitar os uniformes e símbolos do Exército de Libertação da China.

áreas rurais assoladas pela pobreza e politicamente estranguladas pelo governo central.

Seguindo a doutrina maoísta, o CPT começou a desenvolver seu contra-estado nas áreas periféricas do reino, em áreas afastadas da presença do estado que se transformariam em três campanhas amplamente autônomas ocorridas no Norte, no Nordeste (*Isaan*) e no Sul, respectivamente. No entanto, o Reino da Tailândia não é particularmente grande ou pequeno: seus 514.000 quilômetros quadrados (198.500 milhas quadradas) e seus 28 milhões de pessoas (em 1962) o colocavam no mesmo status do Vietnã, tendo uma população menor, porém, uma área um pouco maior que este último país.

O nordeste tailandês era particularmente suscetível a esses tipos de atividades revolucionárias, particularmente por suas características culturais, econômicas e políticas que o diferenciavam das demais regiões do país.² Era a maior e mais populosa região, no entanto, era a mais pobre graças a um ecossistema que limitava a agricultura e outras formas de desenvolvimento econômico. Essa área, era politicamente alienada do governo central devido a sua população ser de cultura e etnias thai-laosiana. Personalidades dessa etnia haviam dominado a política radical do imediato pós-Segunda Guerra e alimentado sentimentos de neutralidade, mesmo quando a Tailândia buscava se aproximar do Ocidente.³ Deste modo, em uma Tailândia onde o parlamento era dominado pelos militares, eles acabaram por incorrer na ira da elite governante.

A repressão governamental permitiu ao CPT explorar os descontentamentos latentes já existentes no nordeste causados pelos problemas sociais e econômicos da área.⁴ Para canalizar os protestos resultantes, o CPT construiu seu contra-estado segundo as principais normas leninistas. No ápice da estrutura, havia 7 homens do Politburo e, sob estes, um Comitê Central



de 25 homens. Os membros do Comitê Central executavam várias funções organizacionais, sendo uma das mais importantes a supervisão do aparato militar e a criação de uma frente unida, assim como preconizado na doutrina maoísta. Frequentemente, os membros do comitê atuavam como líderes dos comitês provinciais (*changwat*) do Partido Comunista que supervisionavam os comitês distritais (*amphoe*) do CPT, os quais por sua vez, orientavam as estruturas partidárias nas comunidades rurais (*tambol*) e vilas (*muban* or *ban*).⁵

A estrutura alternativa de governo resultante emergiu como um sério desafio clandestino à autoridade do estado e a sua legitimidade nas áreas mais remotas. Robert F. Zimmerman, um oficial dos Estados Unidos com longa experiência na Tailândia, observou o seguinte sobre a mais básica componente do quase-governo clandestino, a vila: “O ponto mais forte do partido... reside



Saiyud Kerdphol conversa com membros de tribo em Pua, na Província de Nan no norte da Tailândia, em maio de 1973. Ações civicas estão sendo conduzidas ao fundo. Sendo então um General-de-Brigada, Saiyud havia atraído cedo em sua carreira a atenção por suas colocações acerca de insurgências e contra-insurgências.

em sua elaborada organização no nível das vilas, naquelas áreas onde os insurgentes comunistas estão firmemente entrincheirados. Uma excelente ilustração dessa organização, funcionando com o que tem de melhor, é a infra-estrutura que existiu na vila de Ban Nakhm, na província de Ubon Ratchathani em 1966. Apesar das operações de repressão aos comunistas terem destruído essa infra-estrutura, há poucas razões para duvidar de que esta continua como a típica das práticas comunistas nas áreas controladas pelos insurgentes. A organização na vila de Ban Nakhm era comandada por um comitê que consistia de um conselheiro, dois conselheiros-assistentes e quatro outros membros. Um dos conselheiros-assistentes e os quatro membros ordinários eram responsáveis por conduzirem as atividades de oito comitês especializados, integrado por 15 a 30 membros, que lidavam com assuntos tais como juventude e assuntos militares, propaganda política, trabalho e negócios, questões femininas, etc. Essa

estrutura funcionava dentro da vila, porém respondia ao “comandante de zona” e dois comandantes-assistentes, que encontravam-se baseados na selva.

Por meio deste aparato, operando em nível local, os comunistas têm sido capazes de não apenas recrutar e motivar simpatizantes ativos, mas também de mobilizar dentro das maiores áreas insurgentes apoio popular suficiente para gerar fontes de mão-de-obra, alimentação, abrigo e recursos (este último em parte graças a cobrança de impostos) e de desenvolver uma efetiva rede de inteligência. Eles também têm sido beneficiados por assistência “ilícita”, na forma de habitações e mesmo subornos, oferecidos por oficiais do governo ou construtoras privadas engajadas na construção de estradas dentro das áreas

controladas pelos insurgentes.”⁶

De acordo com o ex-oficial da CIA, Ralph W. McGehee, esta infra-estrutura tornou-se razoavelmente extensa: “usando todos os arquivos e fichas de registro, escrevi um relatório final. Preparei uma lista com os nomes de todos os membros das células, por vila, incluindo seus codinomes. Neste distrito, a lista continha nomes de mais de 500 pessoas. No entanto, essas 500 pessoas não apareciam em nenhum lugar nos relatórios da agência, naquela época. A CIA estimava a presença de 2500 a 4000 comunistas em toda a Tailândia. No entanto, nossas pesquisas mostraram que na província de Sakorn Nakorn, os comunistas já possuíam pelo menos esta mesma quantidade de ativistas”.⁷

No entanto, parece que sob certos aspectos McGehee e seus superiores podem ter estado a comparar maçãs com laranjas. As estimativas da CIA de 2500 a 4000 pessoas parecem ter sido relativas ao número de guerrilheiros armados,

enquanto os 500 indivíduos no distrito analisado por McGhee eram parte da massa de apoio. Quando uma vila caía sob controle do governo paralelo do CPT, os esforços de mobilização também passavam a incluir mão-de-obra para a milícia. Apenas os melhores membros da massa de apoio juntavam-se a guerrilha de fato nas bases do CPT, localizadas em áreas inacessíveis. Em outras palavras, por ter contado apenas os guerrilheiros armados, a CIA não havia percebido que um número muito maior de indivíduos estavam de fato envolvidos no movimento. É importante também notar que, em contraste com a visão romântica do maoísmo promulgada pela literatura do CPT, os equipamentos e armas dos guerrilheiros não vinham dos ataques-surpresa conduzidos contra as forças governamentais, mas sim de outras fontes comunistas no Sudeste Asiático.

Tendo fontes confiáveis de suprimentos no exterior e tendo o recrutamento sido facilitado pela repressão ocorrida, o CPT expandiu-se num fluxo constante. No início da década de 70, a maioria das províncias do Reino já eram classificadas como “infiltradas”, significando que de alguma forma de atividade do CPT se fazia presente.⁸ Apesar disso, essas atividades permaneciam confinadas basicamente nas áreas afastadas do coração do país, além da planície central que era o centro social, político e econômico da Tailândia. A infiltração nos centros urbanos de poder na planície central ocorreria em um momento posterior.

O Estado Responde

Para combater a ameaça crescente, o governo tailandês adotou uma estratégia direcionada contra os combatentes do contra-estado.⁹ Essa era uma resposta inapropriada ao desafio do CPT porque procurava eliminar a oposição por intermédio da força bruta, em vez de tentar aliviar o descontentamento popular que alimentava a insurgência. Em dezembro de 1965, os mais altos níveis do governo ordenaram a formação do Comando de Operações para a

Supressão Comunista (*Communist Suppression Operations Command — CSOC*), que mais tarde se tornaria no Centro de Operações para Segurança Interna (*Internal Security Operations Command — ISOC*). Saiyud Kerdphol, um respeitado oficial cujos antecedentes incluíam operações secretas contra forças comunistas no Laos, foi colocado no comando deste novo órgão. No entanto, o que o governo tinha em mente não era a contra-insurgência em si, mas sim o melhor gerenciamento da campanha de contra-insurgência.

Saiyud mais tarde contou: “O Exército Real Tailandês (*Royal Thai Army — RTA*) era então comandado pela “velha escola” de oficiais da pré-Segunda Guerra Mundial. Eles tinham tremendas dificuldades para entender o que era contra-



O Dr. Thomas Marks, na época tenente, com Saiyud. Saiyud era incomum para um oficial superior tailandês pela maneira que alimentava seu desejo para soluções de problemas ao ativamente procurar as pessoas que ele acreditava possuírem conhecimento útil — sem se importar com suas patentes, nacionalidades ou serviço.



Um ponto crucial para as pequenas unidades de patrulha na província de Nan, ao norte da Tailândia. Veículos eram utilizados para deslocar as tropas aos pontos de desembarque e para transportar o volume principal dos suprimentos. Terrenos acidentados significavam entediante patrulhas à pé, sob circunstâncias perigosas.

insurgência, rebelião e as causas fundamentais que alimentavam revoltas. Por exemplo, o ex-Primeiro Ministro Praphas, força de apoio do governo que caiu em 1973, batizou o CSOC de ‘Comando de Supressão’. Ele não era capaz de compreender que o combate precisava ser coordenado – e por isso o CSOC tinha sido organizado. Ele não estava falando a respeito de meios CPM (*civil – policial – militar*), ou seja, a aplicação coordenada de todos esses recursos contra os rebeldes, assim como feito pelos britânicos para derrotar os comunistas em Malaya, durante a Emergência. Entretanto, algumas das mais jovens gerações de oficiais estavam em melhor sintonia com a realidade. Entre eles estava Prem, que viria a ser um futuro Primeiro Ministro.

“Nós entendemos imediatamente que aquilo com o que estávamos lidando era um problema político. Nós aplicamos os meios CPM aos problemas no nordeste e, mesmo assim, sabíamos que precisaríamos mais do que esta simples reação. Coordenação é a chave da vitória, no entanto todos devem olhar para o problema com os mesmos olhos. Você necessita de uma proposta comum para basear seu plano.

Duas coisas eram óbvias: não havia nada pior do que lutar do modo errado e a chave das soluções eram as pessoas. Tínhamos que nos perguntar porque as pessoas tinham problemas? porque elas estavam pegando em armas? Nós fizemos várias coisas mecanicamente, tais como organizar os corpos de defesa das vilas e centros de treinamento especiais por meio dos quais podíamos gerenciar todas as companhias regulares.

No entanto, o ponto crucial, mais do que números, é a orientação. Você deve continuamente analisar a área-alvo. Você deve continuamente se questionar: ‘Quais as causas do descontentamento popular? Quais são os problemas?’ Descubra as soluções e então as implemente e coordene.”¹⁰

Mais ou menos ignorando seus superiores, Saiyud começou a organizar o CSOC para uma genuína contra-insurgência, uma que buscava alcançar as raízes do conflito. Para claramente definir a natureza dos problemas, ele fez imediatamente duas coisas. Primeiro, organizou um centro de análise de inteligência, com departamentos dentro das áreas de conflito. Cópias de todos os relatórios do governo, assim

como quaisquer outros dados que pudessem ser juntados, foram então postos para alimentar o sistema de inteligência e analisados com a ajuda de um computador emprestado – um novo método para a Tailândia da época. Esta nova abordagem removeu imprecisões e falsos conceitos típicos dos burocratas, acelerando a circulação de uma interpretação definitiva de vários dos problemas entre as agências pertinentes. Em segundo lugar, ele estabeleceu um departamento de análise sob o comando do brilhante, e várias vezes controverso, acadêmico Somchai Rakwijit. Sob o comando de Rakwijit, o departamento logo produziu análises abrangentes baseadas em dados bem consolidados. Ao invés de basear-se em relatórios suspeitos, transmitidos de regiões remotas pela burocracia oficial, ele enviou pesquisadores ao campo, normalmente sozinhos, para estudar as áreas infestadas de insurgentes.

Usando os dados gerados por meio desses sistemas, Saiyud desenvolveu uma resposta que pedia por medidas mistas de caráter civil e militar. Seu *modus operandi* consistia de um “método de manual” para lidar com a contra-insurgência clássica: identificar o problema, avançar com as soluções utilizando os militares para blindar os esforços e, finalmente, enviar forças especialmente treinadas para caçar os guerrilheiros.

Apesar do método de Saiyud parecer lógico, ele encontrou resistência. Inicialmente, fora dada ao CSOC autoridade apenas sobre pequenas forças-tarefa CPM enviadas às áreas afetadas pela insurgência. Em 1967, guiados por uma abrangente rede de inteligência estabelecida por Saiyud, as forças-tarefa começaram a mostrar-se promissoras em descobrir e lidar com a infraestrutura do CPT. No entanto, quando o CSOC requisitou mais unidades, os militares opositores cuidadosamente protegendo seus interesses, recusaram. Em pouco tempo a autoridade sobre as unidades de campo foi devolvida aos comandantes regionais do exército.

Conseqüentemente, essa tentativa inicial de estabelecer um programa de contra-insurgência foi amplamente vista como ineficiente. A maior parte dos comandantes simplesmente não enviava suas forças para aquilo que consideravam como uma missão secundária. Ao invés disso, eles concentravam-se em suas preocupações políticas

e econômicas. Quando de fato inquiridos a mover-se contra as forças insurgentes, os comandantes o faziam de um modo militar tradicional e fortemente repudiado pelas populações locais: busca e destruição.

Em nenhum outro lugar a ineficácia da abordagem tradicional foi mais óbvia do que no norte do país. Iniciando em dezembro de 1967, disputas de terra entre membros da tribo Hmong e membros da etnia Thai nas províncias de Chiangrai e Nan, exarcebaram uma antiga tensão pré-existente entre a tribo das montanhas e os habitantes dos vales. A resposta inicial do governo tailandês foi bruta e logrou sucesso principalmente em gerar ainda mais inimigos. As forças de segurança respondiam as emboscadas com fogo de artilharia e bombardeios aéreos que destruíam vilas e, conseqüentemente, empurravam ainda mais recrutas para as fileiras de insurgentes. Uma inundação de refugiados se seguiu, devastando a economia de uma vasta porção do norte.¹¹ Foram realizadas tentativas alternativas por oficiais mais esclarecidos, mas eram ignoradas ou simplesmente envolvidas em procedimentos burocráticos, a fim de garantir que não fossem empregadas.

Saiyud percebeu a ineficiência da repressão por meio da força bruta e lutou para implementar sua estratégia CPM, conforme detalhada em um plano intitulado *A luta pela Tailândia, Seção II, Uma Solução para o Norte (The Struggle for Thailand, Section II, A Solution for the North)*. Sua estratégia foi inicialmente rejeitada por oficiais-chave no governo, tendo a “contagem de corpos” permanecido na ordem do dia. Naturalmente, ao mesmo tempo em que crescia o número de vilas destruídas, aumentava o número de guerrilheiros. Algumas sessões de propaganda do CPT supostamente chegaram a efetivos de até 200 guerrilheiros. O movimento insurgente conseguia transformar a vida diária de muitas áreas em algo extremamente difícil, apesar das estimativas de sua força total no norte em 1973 serem de apenas 3.000 indivíduos.¹²

Este foi o padrão geral dos eventos por algum tempo. Enquanto muitos tailandeses pareciam compreender a natureza socioeconômica da insurgência nortista, a resposta mal pensada por parte do governo garantiu o fracasso de seus mal direcionados esforços de contra-insurgência.

Uma Alternativa à Força Bruta

A raiz do problema no norte baseava-se no fato de que a tribo das montanhas em questão, os Hmong, não sendo etnicamente tailandeses, eram tratados como cidadãos de segunda classe. As atitudes racialmente discriminatórias do governo, refletidas pelos soldados tailandeses comuns, freqüentemente traduziam-se em atos hostis contra membros dessa população. O CPT tirava vantagem dessa hostilidade gerada.

Apesar dessa situação, é importante ressaltar que, independente das condições estruturais, a

lealdade dos moradores das vilas permanecia muito difícil de ser abalada durante esse período. Apesar dos esforços do CPT para ser visto como o campeão do povo, a ideologia comunista possuía um apelo popular limitado. De fato, colocando-se a parte a desastrosa estratégia bruta empregada por seus governantes, a maioria da população tailandesa preferia alinhar-se ao governo e ao *status quo*, a não ser quando traumatizada por injustiças específicas.

Utilizando-se de estratégias de tempo de paz, Saiyud procurou explorar essa inclinação tailandesa em alinhar-se ao governo ou manter-se neutro, em particular no nordeste, onde a população-alvo, apesar de culturalmente distinta, era tratada como sendo membros da “família tailandesa”. Ele, juntamente com outros oficiais de mentalidade similar, pressionaram por programas que atendessem as necessidades populares por intermédio do desenvolvimento regional.

Bancoc, ao menos publicamente, não tinha ilusões acerca da pobreza no campo.¹³ Durante a primeira metade da década de 50, antes da erupção real de violência, o governo havia iniciado alguns programas de desenvolvimento para combater tais condições. Por volta de 1958, esta abordagem havia crescido para abranger os primeiros projetos-piloto de desenvolvimento comunitário, e em 1960, um Programa Nacional de Desenvolvimento de Comunidades (*National Community Development Program*) foi posto em ação, consolidando muitos dos programas já existentes, os quais estavam espalhados entre diversos departamentos. De acordo com a literatura do governo, o Programa Nacional de Desenvolvimento de Comunidades foi desenvolvido para proporcionar vida entre o Governo Real Tailandês (GRT) e seu povo, no âmbito das localidades.¹⁴ Ele objetivava “incentivar as pessoas a exercer a iniciativa de melhorar suas comunidades e seu modo de vida por meio de esforços cooperativos baseados na auto-ajuda” e a “trazer o suporte coordenado dos



Um soldado tailandês no seu turno de guarda em uma base de patrulha do 5º Batalhão 5º Regimento de Infantaria, durante operações no distrito de Betong da província de Yala (maio de 1985).

vários ministérios interessados em auxiliar os habitantes das vilas no desenvolvimento de seus projetos.”¹⁵ Ao final de 1961, ao menos no papel, a maioria das vilas do norte foram abrangidas pelo programa, mesmo enquanto as medidas repressivas estavam enviando ativistas ao CPT em busca de proteção.

Enquanto o Programa Nacional de Desenvolvimento de Comunidades era direcionado às vilas espalhadas pelo reino, medidas adicionais para lidar especificamente com o nordeste estavam sendo também implementadas. O esforço como um todo foi facilitado pelos Estados Unidos, que haviam estabelecido uma missão de ajuda econômica ao Reino da Tailândia em 1950. Boa parte dos 300 milhões de dólares de gastos planejados foram disponibilizados por Washington. O principal veículo para a assistência americana neste campo foi o programa de Desenvolvimento Rural Acelerado (*Accelerated Rural Development — ARD*). O ARD criou, treinou e equipou uma organização local para planejar, desenhar, construir e manter estradas rurais e outros pequenos projetos das vilas. As províncias selecionadas para o ARD eram aquelas com maior necessidade de auxílio imediato ao desenvolvimento. Na prática, isto significava que as províncias sob maior ameaça da insurgência comunista eram as selecionadas pelo Conselho Nacional de Segurança da Tailândia. Uma vez que uma *changwad* era definida como sendo uma “província ARD”, a equipe e meios disponíveis ao governador eram ampliados. Simultaneamente o governador era autorizado a implementar seus próprios projetos no âmbito das vilas.

Em torno de 1969 os governadores das províncias designadas ARD — a maioria destas no nordeste — haviam evoluído de uma situação onde não tinham virtualmente nenhum recurso para organizar quaisquer tipos de projetos de desenvolvimento para outra na qual possuíam 250 membros de equipe, milhões de dólares em equipamentos e orçamentos enormemente ampliados. O governo havia comprometido um total cumulativo de US\$ 58.824.000 ao programa, suplementados por mais US\$ 49.308.000 provenientes dos Estados Unidos. Os gastos desses fundos refletia as prioridades econômicas do governo. Construção e manutenção de estradas foram as categorias dominantes. Outras atividades

do ARD incluíam equipes médicas móveis, cooperativas de lavradores distritais, juventude e programas de água potável.

Resultados Mistos do “Desenvolvimento”

Em relação ao alcance dos objetivos político-militares relacionados ao fim da insurgência, os resultados do ARD foram mistos. Apesar de física e estatisticamente ter ocorrido um amplo progresso econômico, o objetivo final era a “redução ou mesmo eliminação da insurgência por meio de esforços de desenvolvimento”.¹⁶ Isso não havia ocorrido. Contrariamente, avaliações norte-americanas e tailandesas consistentemente notaram que o ARD não causou qualquer modificação significativa no pensamento da população-alvo em relação ao governo, mesmo tendo sido as ações concretas apreciadas pela maioria das pessoas.¹⁷ Mesmo nas áreas onde os habitantes das vilas haviam melhorado consideravelmente (aumento da renda per capita, por exemplo), as estatísticas alcançadas, frequentemente, não refletiam a continuidade de uma realidade pífia nas condições de segurança.

Conseqüentemente, o ARD falhou em cumprir muitos de seus objetivos. Isso não deveria ter sido uma surpresa, uma vez que o governo havia adotado uma resposta predominantemente econômica a um problema fundamentalmente político. Aquilo que deveria ter sido um dos elementos de apoio de um programa abrangente, tornou-se o esforço principal, graças a visão unidimensional do governo sobre “desenvolvimento” como sendo uma panacéia. O resultado era tão previsível quanto ineficiente.

Os insurgentes comunistas queriam reestruturar o sistema de estratificação social existente e redistribuir o poder político por intermédio da tomada do Estado. Uma vez que não existiam meios pacíficos a serem empregados — eles haviam sido expelidos do sistema — a violência tornou-se seu principal instrumento. Opositores não-comunistas eram similarmente excluídos de qualquer real participação. Suas únicas escolhas eram sentar-se às margens do sistema ou juntar-se aos insurgentes.

A solução para tal drama estrutural deveria então ter sido uma reforma política. Porém, Bancoc não conseguia enxergar isso. Apesar de

a reforma política ter sido mencionada como um objetivo, esta foi completamente escurecida pelos aspectos econômicos do programa, tais como o desenvolvimento da infra-estrutura. A distorção dos objetivos refletiu-se nos resultados insatisfatórios do ARD.

O Papel dos Estados Unidos

Ironicamente, os lados duro dos militares e o suave dos desenvolvimentistas do modelo tailandês foram, de um modo geral, atribuídos à direção dos EUA.¹⁸ Tais visões eram ao mesmo tempo simplistas e enganosas. Certamente, a influência dos EUA foi significativa, mas a colaboração da Tailândia com os Estados Unidos durante este período era um casamento de conveniências para ambas as partes. Esta colaboração era guiada por uma perspectiva comum com a qual ambos os países procuraram maximizar seus ganhos. De fato, quando as desvantagens da parceria vieram a obscurecer as vantagens, o governo tailandês enfatizou sua independência e afastou-se de parcerias mais abrangentes.

O que foi demonstrado, em meio a um contexto de dominância estratégica americana, foi a capacidade tailandesa de avaliação e adaptação, como demonstrada por Saiyud. A abordagem feita pelo governo tailandês amadureceu de modo que refletia características e preocupações peculiarmente tailandesas.

Em termos de estratégia das grandes unidades, os tailandeses buscavam duas finalidades: desenvolvimento e segurança, especialmente contra ameaças externas.

O desenvolvimento nacional seguiu um caminho que enfatizava a economia. Uma linha do pensamento americano suportava que a modernização econômica ao estilo ocidental resultaria em “modernização” política e social, sendo que o resultado seria a maximização do potencial doméstico para a paz.¹⁹ Os tailandeses aceitaram esta fórmula. As necessidades de segurança pública eram vistas como as mais importantes no pós-guerra, devido à percepção de uma possível ameaça imposta pelo expansionismo chinês e vietnamita. Os tailandeses, portanto, negociaram garantias e presença militar com os EUA. Eles presenciaram a evolução das posições americanas, bem como sua capacidade

de combate, em relação aos conflitos de baixa intensidade, uma evolução que começou a se avolumar durante o mandato do Presidente Kennedy.²⁰ Inevitavelmente, personalidades-chave tailandesas tais como Saiyud, estudaram e foram influenciados por conceitos de contra-insurgência americanos e de outros países ocidentais, especialmente a Inglaterra.

A doutrina ocidental, independentemente de sua origem, propunha três tarefas essenciais para a solução bem sucedida de insurgências: operações de Forças de Segurança contra os insurgentes, controle da população e de recursos e eliminação das causas.²¹ As predisposições institucionais dos militares tailandeses os levaram a enfatizar as operações com as forças de segurança, bem como com a população e com o controle de recursos. Dentro do contexto nacional de uma estratégia de desenvolvimento baseada na economia, a eliminação das causas enfatizou a oferta de recursos e a solução de problemas econômicos, em oposição à correção das fraquezas no sistema político. Esta abordagem influenciou o ARD, no qual objetivos tais como “construção de estradas” e “escavação de poços artesianos” rapidamente sobrepuseram-se a objetivos mais abstratos tais como estimular a participação popular no processo político.

No entanto, os esforços desenvolvimentistas tailandeses não começaram com pedidos aos EUA, e sim, a partir de uma perspectiva mútua de busca por uma abordagem apropriada. Ainda assim, o impacto que os Estados Unidos tiveram na natureza dos programas tailandeses foi considerável. Este tornou-se ainda mais evidente quando oficiais americanos formularam um plano com o governo tailandês para uma resposta coordenada contra a insurgência. O Programa Americano de Ajuda Militar (*U.S. Military Aid Program — MAP*) e um Grupo Mútuo de Assistência Militar (*Joint U.S. Military Assistance Group — JUSMAG*) estavam na Tailândia desde a Guerra da Coreia, quando os tailandeses apoiaram com um regimento de combate e vários meios aéreos e marítimos, tendo o Comando de Assistência Militar-Tailândia (*Military Assistance Command-Thailand — MACTHAI*) sido acionado em 1962 para “operações de assistência de combate”. Os mecanismos necessários para o apoio americano ao plano de contra-insurgência

tailandês foram completamente preenchidos durante o mandato do Embaixador Graham Martin (1963-67). Programas, orçamentos e funcionários dos EUA aumentaram substancialmente. Em junho de 1966, Martin criou o cargo de Assistente Especial para Contra-insurgência, com o objetivo de coordenar e regular todas as atividades americanas diretamente relacionadas ao problema da insurgência na Tailândia, fosse esta civil ou militar.²²

O número de funcionários que administravam tal suporte flutuava constantemente. George Tanham nos oferece números úteis, todos para o período entre o final de 1973 e início de 1974 (após o período em análise deste artigo, mas ainda assim ilustrativo): 101 funcionários de embaixada; 179 funcionários da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, alocados da Missão de Operações dos Estados Unidos (*United States Operations Mission — USOM*); 26 membros como elementos de campo do Serviço de Informações dos Estados Unidos para a Agência de Informações Norte Americana, uma exuberância trabalhando com o ARD; 550 funcionários na JUSMAG/MACTHAI (uma parte dos quais designados para as Forças Especiais da Tailândia); e aproximadamente 200 pessoas designadas a uma unidade de campo em Bancoc da Agência de Projetos de Pesquisa Avançados, sendo a maior parte destes, funcionários contratados. Outras unidades, tais como os 4.000 homens do Exército dos Estados Unidos em Apoio à Tailândia, podiam ser apropriadamente utilizados para outras missões dentro do país.²³

Comparados aos efetivos das forças presentes no Vietnã do Sul, aquelas na Tailândia eram minúsculas. Ainda assim, essas forças eram muito eficientes. Apesar de especificamente proibidas de participar de operações de combate, elas cumpriram funções que hoje em dia associamos às operações de estabilização.²⁴



Uma patrulha local na província de Uttaradit, no norte da Tailândia. Missões rotineiras de segurança, quando executadas na mata densa da região, provaram ser extremamente úteis para o condicionamento de tropas, acostumadas ao ambiente normal das baixadas, às exigências árduas das patrulhas nas áreas montanhosas.

Ao final de 1966, 60% dos fundos de auxílio americanos eram dirigidos para o nordeste. Unidades de Desenvolvimento Móveis, 16 unidades de 120 homens cada, conduzindo projetos de ação civil receberam um investimento inicial de US\$ 1,5 milhão. O investimento do ARD durante o ano fiscal de 1969 já anteriormente mencionado, foi da ordem de pouco mais de US\$ 49 milhões.

Ativos como eram os Estados Unidos, um delicado balanço era requerido entre o apoio dado, especificamente à Tailândia, e os esforços de guerra nas demais partes da Indochina. Ao final de 1967, 33.369 aeronautas americanos e 527 aeronaves estavam no reino, sendo que por volta de 1970 os números desses membros alcançaria 48.000, conduzindo missões, principalmente contra o Vietnã do Norte. Uma divisão tailandesa de 11.000 homens, ou seja 14% da força total do exército, estava no Vietnã do Sul e uma força “clandestina” de 20.000 homens, integrada por 27 batalhões de infantaria leve e 3 batalhões de artilharia, estava no Laos.²⁵ Em suma, as “atividades da Guerra do Vietnã” foram substanciais e tiveram um impacto significativo sobre a economia e a sociedade da Tailândia.



Comandos tailandeses, ou forças locais, examinam uma base do CPT capturada na província de Nan. Os Comandos tiveram um explosivo crescimento a partir do momento em que o CPT passou a atacar diretamente a monarquia tailandesa. Pesquisas consistentemente mostravam que mais da metade de toda a população rural ainda via o casal real como divindades, uma realidade completamente despercebida pelos movimentos materialistas devotados ao Maoísmo.

Mesmo quando os Estados Unidos passaram a dedicar maior interesse aos esforços de contra-insurgência na Tailândia, houve um esforço consciente para evitar os passos errados dados no Vietnã. Os funcionários a serviço dos EUA podem ter estimulado e oferecido verbas aos tailandeses, mas não cooptaram as decisões estratégicas de Bancoc como fizeram com o regime de Saigon. Enquanto de fato os tailandeses adotaram muitos dos programas moldados a partir dos esforços de contra-insurgência no Vietnã do Sul, sua abordagem para lidar com o CPT manteve um ritmo e essência predominantemente tailandeses, ambos os quais comumente provavam ser preocupantes para os americanos.

Enquanto um dos poucos estados asiáticos que haviam evitado tornar-se colônia, a Tailândia respondeu a ambos os desafios, domésticos e internacionais, com desígnios e imperativos tailandeses. A presença e o auxílio americano, apesar de seguramente terem ampliado a viabilização da contra-insurgência tailandesa ao incluir programas

individuais, tais como o ARD, não a iniciou ou a controlou. De fato, a contribuição americana à campanha tailandesa, para o bem ou para o mal, seguiu muito a trajetória do conflito mais abrangente na Indochina. A gradual redução da presença dos EUA no sudeste asiático levou a uma diminuição dos recursos e ao desaparecimento da sensação de urgência que havia marcado os esforços consultivos americanos. Em 1976, haviam restado apenas 4.000 americanos na Tailândia, sendo que a maior parte destes, trabalhando nas áreas de comunicações ou apoio logístico e não conectados à contra-insurgência tailandesa.

Mudanças no Contexto Nacional e Regional

Na Tailândia, diferentemente do Vietnã, a assistência americana funcionou principalmente para incrementar a capacidade tailandesa para a ação propriamente dita. Na base do processo, a ênfase tailandesa a uma abordagem baseada no desenvolvimento econômico e somada a uma

ênfase em operações militares, permitiram não apenas a sobrevivência do CPT, mas também que este lentamente se expandisse. No início de 1970, a economia da Tailândia encontrava baseada na agricultura, incapaz de alcançar as crescentes demandas econômicas e seu restrito sistema político incapaz de acomodar as demandas populares por maior participação. A burocracia estatal, monopolizando o poder, esmagava os esforços para formar um sistema democrático viável. Não haviam meios para lidar-se com os apelos por reformas, uma vez que, os mecanismos para tal, eram simplesmente inexistentes.

Em outubro de 1973, o governo finalmente alcançou o ponto da crise: uma onda de manifestações estudantis terminou com a prisão de ativistas que clamavam por mais democracia. A violência irrompeu e o regime militar declinou com inacreditável rapidez. Nos próximos três anos, uma sucessão de fracos governos democráticos buscou desenvolver uma forma viável de regime popular.

Enquanto essa situação instável persistia, o clamor da esquerda pela mobilização dos elementos marginalizados da população levantou nos segmentos tradicionais da política tailandesa temores por um controle das massas. Estes segmentos em resposta, juntaram-se pela causa comum com as facções militares, favorecendo o retorno do autoritarismo ao poder. Em um golpe-de-estado desferido em 6 de outubro de 1976, que contou com uma sangrenta invasão à Universidade Thammasat, vista como o centro da influência esquerdista, a burocracia militar retornou ao poder. Muitos indivíduos, indo desde estudantes, trabalhadores ativistas até políticos, fugiram para as selvas ou seguiram rumo a Indochina. Ao longo do tempo o número desses refugiados políticos alcançou os milhares. Seu número e sua representatividade de virtualmente todos os níveis da sociedade, somados a sua profunda hostilidade contra o sistema, criaram uma oportunidade espetacular para o CPT. Ali estava, finalmente, a crise sistêmica a qual os comunistas tanto haviam desejado. Após anos militando nas áreas marginalizadas, incapazes de penetrarem no coração do país, o CPT finalmente encontrava-se num vácuo político que havia buscado, acompanhado por um estado de polarização política e social.

Sendo reconhecido como o grupo líder da oposição, o partido estava idealmente situado para tornar-se o agente-chave na organização e direcionamento das forças que exigiam mudanças. Apresentando-se com ao menos 4.000 novos recrutas, de origens e ocupações diversas, muitos dos quais eram “progressistas” em sua orientação, o CPT viu uma chance de reaplicar a estratégia de frente popular que Mao havia alcançado com sua frente unida anti-nipônica.

Utilizando-se dos sentimentos antiamericanos alimentados por mais de duas décadas de propagandas, que rotulavam os americanos de imperialistas e seus reacionários aliados tailandeses de maiores inimigos do povo, o CPT conclamou a todos os setores da sociedade a unir-se e lançar um ataque a todos os aspectos do velho regime, até mesmo a monarquia.²⁶ Após décadas de lenta e difícil expansão, o partido e muitos observadores bem informados sentiram que os eventos na Universidade Thammasat haviam revelado a todos, o verdadeiro lado fascista do regime militar e sua obediência às instruções do imperialismo americano. Conseqüentemente, o CPT refletiu que, estava criado o caminho para a insurgência das massas.

Os ataques do partido resultantes desta análise, direcionados contra o governo e Bhumipol Adulyadej, o nono rei da dinastia Chakkri, representavam uma significativa mudança de estratégia. Virtualmente todos os aspectos do “velho regime feudal” estavam agora em jogo e eram denunciados em favor de uma nova sociedade proposta — a sociedade comunista. Externamente, também, a situação parecia favorecer esta tentativa aberta de uma tomada de poder: o Camboja, a China, o Laos e o Vietnã, apoiariam o CPT.

No entanto, aquilo que o CPT pensou ser uma situação extremamente vantajosa, repentinamente desmoronou sob o peso de outros eventos não previstos no Sudeste Asiático. O mais importante, a invasão Vietnamita do Camboja em 1978 reavivou os temores quanto ao expansionismo territorial comunista na Tailândia, fortalecendo o nacionalismo tailandês. Em 1979, a movimentação chinesa no Vietnã dramaticamente elevou o temor de que o reino estaria a beira de ser engolfado em um cinematográfico conflito entre duas potências comunistas, competindo pela influência política no sudeste asiático.

Dúvidas e temores estenderam-se para além do governo, tendo chegado às fileiras do CPT. Com suas estreitas conexões com a China e o Vietnã, a liderança do CPT encontrou-se encurralada entre o nacionalismo tailandês e sua obrigação para com outros movimentos comunistas e seus patrocinadores. Ironicamente, agora era o comunismo vietnamita, e não o imperialismo americano, a maior ameaça à sobrevivência da nação tailandesa e, conseqüentemente, a sua revolução. Quando o CPT recusou-se a aderir ao plano vietnamita, o partido pagou o preço.

As forças de Prem, ao invés de agirem como a lei, tornaram-se administradoras da lei. O processo democrático no qual eles insistiam estava de acordo com as demandas populares por uma ordem social justa, que legitimasse o governo.

Em janeiro de 1979, mesmo antes do ataque chinês ao Vietnã, o apoio do CPT a Pequim levou o Comitê Central do Partido Revolucionário do Povo do Laos, coordenado por Hanoi, a deixar suas bases no Laos. Ocorrendo logo em seguida a perda de seus santuários no Camboja, em razão dos combates continuados ao longo da fronteira Tailândia/Camboja, a situação do CPT no Laos representou uma perda substancial. O CPT viu-se destroçado por um amargo conflito interno, culminado com a formação de uma dissidência rival, a organização pro-vietnamita *Pak Mai*.²⁷ Um grupo de importantes membros do CPT começaram então a trocar o partido pelo governo. Apesar da fissão sino-vietnamita ter deslocado as áreas-base e interrompido as linhas de suprimento, provocando sérias derrotas ao partido, foram as questões ideológicas que fragmentaram o CPT. As causas dessas sérias turbulências internas emergiram a partir do que os dissidentes citavam como uma adesão exagerada à versão chinesa da Guerra Popular, juntamente com a incapacidade do CPT em aprender com os sucessos de outros movimentos, particularmente os vietnamitas. Os dissidentes dentro do partido argumentavam

vigorosamente que se o CPT estivesse pronto, ou seja, se tivesse mobilizado as áreas urbanas ao invés de ter ficado no campo, seguindo estritamente a doutrina maoísta, o partido poderia ter desenvolvido-se decisivamente em meio ao caos urbano. Porém, para o Politburo, esta posição representava um perigoso desvio doutrinário.

A disputa foi levada ao protelado Quarto Congresso do Partido, ocorrido nas seções regionais durante o ano de 1982. Durante o Congresso, acusações de interferência no processo eleitoral dividiram o partido, conseqüentemente sinalizando o início do fim do CPT. Atingido por dentro, por fora e por tudo, especialmente por uma estratégia contra-revolucionária crescentemente eficiente, os membros do partido tornaram-se desiludidos. O que havia sido uma gota de dissidência, havia tornado-se uma hemorragia incontrolável.

A Nova Abordagem Governamental

De um certo modo, o CPT se auto-destruiu. No entanto, insatisfações internas e fratricídio externo não configuravam a história completa. Alguns indivíduos estavam dispostos a deixar o partido apenas porque o estado os havia oferecido algum lugar para onde ir. Em última instância, foram as mudanças nas diretrizes políticas do governo e suas conseqüentes mudanças no ambiente político, que criaram tais refúgios.²⁸

As tão necessárias mudanças iniciaram-se logo após os eventos de Outubro de 1973. Em novembro, Prem Tinsulanond, até então um oficial relativamente obscuro, tornou-se Comandante do Segundo Exército, encarregado da segurança no nordeste tailandês. Entre suas responsabilidades estava a coordenação do programa de contra-insurgência para aquela região.

Ao modificar a abordagem CPM original de Saiyud (ambos conheciam-se muito bem) reforçando seus aspectos políticos, Prem logrou resultados positivos rapidamente. Operações psicológicas, persuasão e o forte emprego dos governadores provinciais civis e de seus recursos, constituíram uma marcante mudança de rumo em relação ao usual poderio de fogo. Por volta de 1975 e 1976, o Segundo Exército havia tornado-se algo como um modelo no trato com a questão da insurgência.

A abordagem do Segundo Exército pode ser caracterizada como de “desenvolvimento para segurança”, sendo essa ação compreendida como um processo socioeconômico e político. “É a fraqueza do sistema que permite o crescimento das guerrilhas” havia dito Saiyud; “O alvo, portanto, é a população e não áreas ou forças inimigas. Os problemas do sistema devem ser atacados. A base popular de apoio aos insurgentes deve ser destruída. Fortaleça as vilas primeiro, só então vá à selva em busca de guerrilheiros.”²⁹

E assim fez Prem, agindo dentro de sua área de controle. Oito anos haviam se passado (desde a nomeação de Saiyud para o CSOC/ISOC em 1965 até a nomeação de Prem para o nordeste), de maneira que a filosofia de Saiyud pudesse finalmente florescer com plena força. Durante esse interim, aqueles que não viam a repressão como sendo a única resposta contra a insurgência viram-se obrigados a se satisfazer com a situação, colaborando no que fosse possível.

Uma vez no poder, Prem realizou seu trabalho de modo diverso. Sua metodologia não era diferente daquela utilizada com sucesso, em outras numerosas áreas ao redor do mundo, por forças contra-revolucionárias. Inicialmente, uma área-alvo era coberta com tropas, as quais expulsavam as unidades armadas do CPT. Então todas os problemas da população local eram levantados e o contra-estado insurgente era então desmantelado por intermédio da coleta e do uso sistemático dos dados de inteligência. Ao mesmo tempo, programas de ação civil eram criados e forças locais eram formadas, enquanto operações especiais contra o inimigo mantinham as forças insurgentes acuadas. Finalmente, autoridades civis reassumiam o controle completo da área.

No entanto, o que deu substância a esta forma foi o crescimento do sistema democrático. As forças de Prem, ao invés de agirem como a lei, tornaram-se administradoras da lei.

Sem dúvidas, eles tornaram-se a encarnação do ideal budista de como as coisas deveriam ser. O processo democrático no qual eles insistiam estava de acordo com as demandas populares por uma ordem social justa, que legitimasse o governo.

O sucesso inicial de Prem chamou a atenção. A partir deste, ele ascendeu rapidamente. Em 1976, tornou-se o comandante de toda a Região do Segundo Exército. Apenas dois anos mais tarde, em setembro de 1978, assumiria o comando do exército como um todo. Em fevereiro de 1980, Prem tornava-se primeiro ministro. Sob seu comando, Saiyud finalmente tornaria-se comandante supremo das forças armadas.



Um operador de metralhadora M-60 do Exército Real Tailandês, operando na província de Uttaradit, no norte da Tailândia. O CPT construiu seu teatro de operações norte por meio da exploração de desentendimentos que a longo tempo se agravava entre os membros das tribos das montanhas em relação a ocupação de suas áreas tradicionais pelos habitantes dos vales.



Um exercício de cerco e busca realizado pelo Exército Real Tailandês na província de Nan, no norte da Tailândia (data desconhecida). O Exército utilizou equipes de adestramento móveis para aprimorar as táticas das pequenas frações na realização de trabalhos independentes necessários à conquista de importantes pontos no terreno.

Durante sua ascensão, Prem buscou seu apoio-chave nos “Jovens Turcos”, oficiais do nível comando de batalhão, influenciados por suas experiências em contra-insurgência, especialmente na Indochina, e um desejo de conduzir as forças militares rumo a assuntos mais profissionais. Aos Jovens Turcos juntou-se um outro grupo autodenominado de os “Soldados Democratas”.³⁰ Estes últimos tornaram-se igualmente importantes.

Se os Jovens Turcos garantiam a força, os Soldados Democratas garantiam o cérebro. A maior diferença entre ambos era que os Jovens Turcos vinham das fileiras regulares, enquanto os Soldados Democratas haviam sido oficiais de carreira. Aprendendo com os comunistas convertidos e a partir de seus próprios estudos, os Soldados Democratas advogavam “democracia”, termo que eles deixavam relativamente vago, como sendo a arma-chave contra a insurgência. Entre seus principais apoiadores estavam o General Chaovalit Yongchaiyuth, conselheiro de campo de

Prem, que iria futuramente comandar o exército e coordenar a destruição do CPT e o General Harn Leenanond, Chefe das Operações do Exército (G3), que tornar-se-ia comandante do Quarto Exército no Sul. Esta última Força destruiria o CPT nessa região, da mesma forma com que seu comandante havia auxiliado a fazê-lo no nordeste, enquanto ainda era membro do Segundo Exército.

Estes dois indivíduos foram, aparentemente, os principais autores de um extraordinário documento, a Ordem do Primeiro Ministro (PM) N° 66/23 (a 66ª ordem no Ano da Era Budista de 2523 ou 1980), denominada “A Política para Combater e Derrotar Comunistas”, subseqüentemente ampliada pela Ordem PM N° 65/25 (1982), denominada “Plano para a Ofensiva Política”.³¹ O que eles apresentaram era uma estratégia politicamente orientada para atingir os comunistas. Assim como inequivocamente declarado na 66/23, “Fatores políticos são cruciais ao sucesso da contra-insurgência e operações militares precisam ser conduzidas essencialmente

para suportar e promover objetivos políticos”.³² A subsequente 65/25 não deixa quaisquer dúvidas acerca do que Prem tinha em mente:

“Deixemos o desenvolvimento da democracia ser o princípio-guia... Nós calculamos que o CPT tenha reduzido a velocidade de nosso desenvolvimento democrático, usando pontos fracos como objetos de propaganda para enganar as pessoas. Simultaneamente, o CPT tem fingido trazer a democracia as pessoas. Aquilo que o CPT tem em mente, no entanto, é apenas uma democracia tática... Para derrotá-los, todos os padrões ditatoriais devem ser destruídos.”³³

Colocado em outros termos, se a falta de desenvolvimento econômico, político e social era a causa da insurgência, então era a tarefa do exército promover exatamente tal desenvolvimento como resposta. Sem a crise do velho regime que irrompeu em outubro de 1973, teria sido impossível que tal visão pudesse vir à tona. Emergindo do tumulto, Prem, em concordância com indivíduos de mesmo pensamento, reorientou completamente a abordagem de contra-insurgência na Tailândia. Perguntado muito depois sobre qual havia sido o fator que mudou a campanha, após ter gasto inutilmente anos tentando converter seus companheiros oficiais, Saiyud respondeu simplesmente: “Prem. O que fez a diferença foi ter alguém que podia contar com seu apoio. Isso fez toda a diferença do mundo. Nós já tínhamos as idéias e conceitos. Elas estavam lá há anos.”³⁴

Para implementá-las, Prem retirou o CSOC/ISOC de sua função de assessoramento e o colocou novamente na cadeia operacional de comando. Não apenas lhe foi dado o poder para conduzir forças-tarefa CPM, como havia sido dado a Saiyud, mas também, o comando dos exércitos regionais, que haviam sempre atuado independentes, foram totalmente reintegrados à estrutura. Gradualmente todo o exército regular e as unidades de forças de segurança nas áreas operacionais foram similarmente colocadas como forças-tarefa CPM, as quais trabalhavam intimamente com as autoridades civis.

Bancoc Conduz a Guerra Popular

Operacionamente, as forças locais eram a fundação sobre a qual tudo estava construído. Este conceito não era uma novidade; tinha sido

parte integral dos planos de contra-insurgência de Saiyud. Apesar disso, a reação de Saiyud havia sido prematura. Seu clamor por forças de auto-defesa e participação local era não apenas avançado em relação a burocracia, mas mesmo em relação as massas. Orientados pela tradição, os camponeses tailandeses não estavam ainda receptivos com a idéia de auto-defesa. Saiyud havia percebido que: “Os moradores das vilas tinham mais medo da polícia do que do inimigo”.³⁵ Isso cessou com o movimento de Outubro de 1973 e suas respectivas conseqüências. Foi a democracia que trouxe as preocupações populares para o primeiro plano e estimulou nas pessoas o desejo de defender o que era deles.

E o que era *deles*? Aquilo que era “tailandês”.

A estratégia política de Prem, que sustentava que os insurgentes não deveriam ser tratados como prisioneiros, mas como aqueles que retornavam de uma derrota, foi especialmente importante para promover a boa vontade de guerrilheiros comunistas de forma que pudessem abandonar suas armas.

Aqui, começamos a amarrar algumas pontas soltas que surgiram no curso desta discussão. Não podemos citar nenhum ponto em particular no qual as pessoas passaram a pensar no sistema como “deles”. O Outubro de 1973 foi certamente um ponto de referência, mas os eventos que se seguiram, com a esquerda e a direita batalhando pelo controle do sistema democrático emergente, foram igualmente importantes. O CPT — a esquerda ilegal — errou em não reconhecer a necessidade de entrar diretamente na batalha, pois sua doutrina dizia para permanecer nas áreas rurais. A esquerda legal, que encontrava-se nas ruas, errou em adotar linguagem e formas estrangeiras.

Em particular, os proponentes de uma mudança rápida cometeram o erro de interpretar a situação em termos alienígenas à maioria da população. A esquerda via os militares como uma criação



Em 1989, Saiyud volta a antigas áreas insurgentes Hmong na província de Chiangrai, que era uma área de atividade CPT. Embora ele tenha conseguido assumir a posição mais elevada das Forças Armadas no país, Saiyud nunca se esqueceu dos antigos insurgentes e trabalhou muito para assegurar sua integração à sociedade.

ocidental, ao invés de reconhecer que sua posição estrutural era a consequência lógica dos fatores culturais tailandeses. Como resultado, a esquerda estava consideravelmente despreparada para as reações que suas ações causaram.

Não acidentalmente, aquilo que teria normalmente sido denominado de “grupos de pressão conservadores” alcançou a força que tiveram após o Outubro de 1973. Eles alicerçaram-se em símbolos culturais relevantes para a população: “Budismo, Nação, Monarquia”. Em certo sentido, o segundo desses abrangia os outros dois: ser um tailandês era ser um budista dentro de uma hierarquia que culminava na monarquia. Perder seu lugar nesta hierarquia significava então perder sua identidade como tailandês.

Ainda assim, a liderança do CPT, acompanhada por aquela da esquerda legal, pouco entendeu o quanto havia se afastado dos símbolos culturais tailandeses. Ambos os grupos assumiram que haviam forjado uma visão alternativa do mundo que automaticamente produziria a mesma visão do mundo nos demais. Eles projetaram suas experiências individuais na sociedade como um todo e, ao fazê-lo, eles analiticamente distorceram a realidade tailandesa.

Entusiastas do *status quo* utilizaram-se dos anos de 1973 a 76 para congregar as massas contra aqueles que tentavam destruir seu mundo. Apesar da esquerda vangloriar-se por sua capacidade de mobilização, em breve ela se encontraria afogada pela mobilização popular

conduzida pela direita. A organização dos Inspectores das Vilas (*Village Scouts*), era um grupo de patriotas organizado pelas polícias de fronteira para inspirar nacionalismo durante a era da insurgência comunista, a qual possuía um componente paramilitar e atraía membros por meio de apelos ao nacionalismo (definido particularmente como lealdade à monarquia e ao budismo), chegou a alcançar por volta de 1978 cerca de 2,5 milhões de membros, ou seja, mais de 5 por cento da população total.³⁶ O contraponto do CPT não poderia fazer frente a essa força.³⁷ Tão pouco poderiam as esquerdas legais, mesmo com toda sua capacidade organizacional, atrair tais números.

E os *Village Scouts* eram apenas uma entre muitas organizações anticomunistas, existindo outras tais como *Nawaphol* e *Krathing Daeng* (“Gauros Vermelhos”), apesar de um número menor de membros eram muito mais militantes. Quando a esquerda legal passou a ser percebida como tendo dado o passo seguinte em sua abordagem “anti-tailandesa” — ameaçando a monarquia por meio de ataques ao Príncipe da Coroa — o resultado foi a carnificina de Outubro de 1976. Os detalhes do episódio tornam-se em tal contexto, virtualmente secundários. Dados os contornos do confronto cultural emergente, o confronto teria ocorrido cedo ou tarde

Os ataques do CPT à monarquia nada fizeram senão selar o destino do próprio partido. O subsequente crescimento reacionário da mobilização popular pelos ativistas de direita permitiu o deslocamento das forças regulares para o combate às ameaças externas. A população despertada tornara-se uma “comunidade numerosa e armada”.

Nasciam aí os Comandos ou “Rangers”. Começando enquanto Prem ainda era o Comandante do Exército, o conceito de forças locais Ranger atingiu o coração da metodologia comunista de mobilização de massas. Os Rangers utilizavam homens recrutados localmente, não raro, tinham saído das fileiras de outras organizações existentes, tais como os *Village Scouts*, para operar contra os insurgentes, enquanto as organizações nacionalistas de massa nas vilas estimulavam a lealdade sistêmica. Controlados por funcionários regulares do exército, os Rangers tinham, ao fim de 1981,

crescido para 160 companhias, ou seja, cerca de 13.000 homens, mais do que as forças armadas CPT, as quais somavam à época 12.500 membros.³⁸

Tão abundantes eram os recrutas que tornava-se difícil absorvê-los adequadamente. A falta de controle forçou, em ocasiões, ao desmembramento de unidades, porém outras formavam-se para tomar seu lugar. Em breve, a estrutura de forças locais cobria todo o território do reino. Este crescimento ocorreu em velocidade quase inacreditável. Em certo sentido, isso limitou outros esforços complementares. Conforme o governo pressionava para integrar todas as áreas do reino, um crescente número de ex-soldados que haviam lutado no conflito na Indochina era contratados como forças de segurança por construtoras privadas encarregadas da construção das estradas estratégicas. Enquanto isso, essas forças regularmente entravam em combate com insurgentes.³⁹ Outros ex-soldados eram recrutados como colonos e relocados com suas famílias em áreas disputadas, criando vilarejos estratégicos.

Todas estas medidas alcançaram sucesso. Que a Guerra Popular do CPT deveria ser abafada tornou-se uma ironia de grandeza maior. O que se seguiu foi quase um anti-clímax. As mudanças na estratégia do governo coincidiram com as mudanças mais abrangentes da situação internacional e com o debate intrapartidário, tendo todos os elementos necessários à derrubada do CPT unido-se simultaneamente.

A estratégia política de Prem, que sustentava que os insurgentes não deveriam ser tratados como prisioneiros, mas como aqueles que retornavam de uma derrota, foi especialmente importante para promover a boa vontade de guerrilheiros comunistas de forma que pudessem abandonar suas armas. Uma anistia — oferecida com um mínimo de medidas preventivas de segurança — era garantida e os insurgentes desmobilizados eram convencidos a retornar a suas vidas normais.⁴⁰ Por volta de 1983, os vestígios do CPT tinham, de todas as formas, tornado-se mais uma pequena preocupação do que uma ameaça real.⁴¹

Aqueles insurgentes que baixavam suas armas retornavam a uma Tailândia diferente daquela que haviam deixado. O sistema democrático havia criado não apenas um novo ambiente político, mas também a administração de Prem

havia pavimentado o caminho para um *boom* econômico ao abandonar políticas estatizantes em prol de uma maior integração com a economia global. A reforma realizada sob o governo Prem resultou em um período de significativa vitalidade nacional, a qual continua até os dias presentes. A rápida industrialização e urbanização que se seguiram gerou um conjunto completamente novo de desafios e problemas, porém tão diversos daqueles discutidos pelos radicais que o CPT tornou-se essencialmente irrelevante. Durante todo o processo, os Estados Unidos permaneceu como um importante ator auxiliando na promoção desses desdobramentos, mesmo em escala muito mais reduzida do que na era da Guerra do Vietnam.

Conclusões

No final, a Tailândia venceu sua batalha contra os insurgentes do CPT. Apesar de significativa como foi, ainda mais sob a luz dos resultados no Camboja, Laos e Vietnã não seria prudente ver o exemplo tailandês como um modelo para se aplicar uma combinação de suas técnicas e táticas em outros lugares do mundo. Ao contrário, a vitória tailandesa foi em grande parte o resultado de uma abordagem estratégica realizada de um modo operacional especificamente desenhado para as realidades tailandesas, particularmente as realidades políticas. Não houvessem os vários elementos sido conduzidos em concordância com



Aprendizes jovens sentam ao lado de um monge budista na cidade de Chiangrai, na Tailândia. Os aspectos culturais budistas, como a monarquia situada no ápice da ordem tailandesa, foram essenciais para marginalizar o CPT. Embora os comunistas tentassem completamente revolucionar a sociedade, os reformadores procuravam trabalhar com o que existia na sociedade.

tais realidades, o resultado final poderia ter sido bem diferente. Neste sentido, a contra-insurgência atuou dentro de um relacionamento simbiótico com sua sociedade.

Como declarado por Saiyud, a fraqueza do sistema tailandês ofereceu a oportunidade ao CPT. Um sistema governamental imperfeito havia gerado recursos humanos que tornar-se-iam o CPT. Uma estratégia de luta popular combinada com um grande capital humano, produzidos pelos abusos do governo, permitiram ao CPT crescer. Buscando mudanças estruturais para alcançar o desenvolvimento socialista, o CPT estabeleceu-se em áreas remotas e trabalhou para criar os santuários que necessitava para alcançar massa crítica. Em seguida, procurou fazer seu contra-estado viável ao pressionar a região central do país.

Em cada uma de suas três campanhas principais, respectivamente, a Nordeste, a Norte e a Sul, o Partido Comunista beneficiou-se de circunstâncias particulares que favoreceram o recrutamento de indivíduos marginalizados. Particularmente no nordeste, a construção de um contra-estado parecia possível. Porém essas condições não eram aplicáveis na região central, na qual a assistência dos EUA teve um importante papel no fortalecimento das capacidades estatais.

Incapazes de penetrar o coração do reino, o CPT foi forçado a esperar por futuras mudanças. Estas vieram com a explosiva derrubada do poder autoritário e subseqüentes esforços descontraídos para desenvolver um sistema democrático por meio da implementação de mecanismos parlamentares e a ampliação da governança local. A repentina abertura à participação popular naturalmente produziu visões díspares acerca de como isso deveria ocorrer e que formato deveria ter. Isso levou a um combate entre as forças de direita e esquerda. Se este espaço democrático foi o precursor do conflito social, este também produziu a salvação do próprio sistema. Uma nova liderança militar surgiu e percebeu que a democracia era o mecanismo de contramobilização.

No entanto, a mobilização política é uma arma perigosa na ausência de instituições nas quais as forças populares, finalmente liberadas, possam canalizar suas energias. Na campanha de contra-insurgência da Tailândia, as práticas e símbolos culturais suprimiram esta falta. Numerosas

organizações de massa foram formadas para defender os tradicionais pilares da sociedade: o Budismo, a Nação e a Monarquia. Em algumas ocasiões, sua energia atingia fervor milenar, como a antecipação de uma época de profunda desordem estrutural. Ao verbalizar seu suporte a estes pilares tradicionais, seus membros puderam optar por uma utopia, um mundo budista perfeito, mesmo que permanecendo solidamente firmados na realidade, apoiando o sistema que protegia estes pilares.

As forças de segurança foram capazes de mobilizar esta torrente, enquanto que os comunistas não o conseguiram, pois, na realidade, jamais tinham tentado fazê-lo. Ao invés disso, sua visão ideológica de mundo se sobrepôs as suas estratégias. Mao os teria condenado, pois a essência da estratégia de Frente Unida que ele ensinou pedia pela operacionalização da realidade estrutural já existente, tal qual encontrada pelos candidatos revolucionários. E foi o governo, ao invés dos insurgentes, aquele capaz de fazê-lo.

Neste contexto, o termo “governo” precisou ser usado com certas reservas. Antes do Outubro de 1973, um fundamental ponto fraco da contra-insurgência tailandesa era que esta não se constituía de um esforço nacional por reformas e sim pelo fortalecimento de um sistema imperfeito, com o substancial auxílio dos EUA. Apesar de este fortalecimento ter sido importante, quando tudo já havia sido dito e feito, a velha ordem respondeu com violência à violência insurgente. Algumas pessoas, para sermos claros, eram mais esclarecidas que outras e reconheciam a natureza improdutiva de tal repressão, porém não estavam em posições de poder, nem eram cidadãos de um sistema no qual pudessem agir diferente.

Isto não significa dizer que a contramobilização aos insurgentes não poderia e não ocorreu de fato em uma escala tática. Ocorreu sim, particularmente quando foi dada a Saiyud autoridade sobre os mecanismos dos CSOC/ISOC. Ainda assim, esta poderia ser apenas uma solução a curto prazo, tendo em vista o dilema estrutural de longo prazo posto em suas mãos. Como pedir à população para lutar por “seu” sistema, quando esta tinha tão pouco a perder sem este? (com excessão de seu atual estilo de vida, previamente estabelecido pelo status quo). A defesa tornou-se possível apenas quando uma facção dos militares, representados proeminentemente

por Prem e Saiyud, tornaram-se governo e puderam então mobilizar as massas por trás das instituições democráticas.

Este processo sublinhou ainda mais a importância dos símbolos culturais. O sistema burocrático não era necessariamente predatório, pois havia sido posto em cheque pelas mesmas tradições culturais que haviam sido posto em cheque no passado o poder da monarquia. Os esforços de mobilização do CPT puderam ultrapassar a visão tradicional do mundo e a substituir esta por uma construção alternativa onde apenas os representantes do sistema autoritário haviam cruzado as fronteiras da conduta aceitável. Graças a decisões específicas tomadas por homens como Saiyud e Prem estas transgressões jamais alcançaram o nível necessário para uma negação do conservadorismo popular e seu apoio latente pela ordem ideal.

Em uma frase, Saiyud e Prem resgataram o sistema de si mesmo. Este resgate não foi pré-planejado. Prem e Saiyud, vagaram nas malhas da burocracia por anos antes que seu momento chegasse. Dessa forma, também, eles foram produzidos pelo mesmo sistema que “criou” seus adversários, fossem estes parte do sistema autoritário, oficiais rivais ou do sistema radical em gestação, os insurgentes. Eles visionaram as reformas como sendo o mais apropriado caminho a ser seguido de suas escolhas individuais. Quando o momento apropriado surgiu, eles agiram. Eles haviam atentamente prestado atenção às opiniões contrastantes e a situação poderia ter deteriorado ao ponto de que mesmo os erros do CPT não o impedissem mais de tornar-se os atores-chave no drama da transição política tailandesa.

Segue-se com suficiente lógica, que as técnicas precisas adotadas por Prem e seus aliados, apesar de necessárias, certamente não seriam em si suficientes para garantir a vitória da opção



Maio de 1985, o Cel Chamnong Phiro, comandante da FT 43, inspeciona um modelo encontrado em um ex-acampamento do CPT na província de Yala, no sul da Tailândia. Vinculações com comunistas malaios, que recusaram a render-se após sua derrota durante a Emergência Malaia, permitiram que comunistas tailandeses continuassem a lutar no sul depois que o CPT se desmoronou.

parlamentarista no sistema democrático. A metodologia contra-revolucionária adotada, de forças locais a unidades especiais de operação, já existia, mas jamais havia sido posta a serviço de um objetivo político viável. Como esperado, atender a uma ampla variedade de exigências da conduta de guerra, de táticas a políticas, dentro de uma abordagem estratégica correta e sustentável, foi – e ainda é – a chave para a contra-insurgência bem sucedida. O apoio a tal abordagem é, em última instância, de total interesse dos Estados Unidos. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Para um tratamento em maior profundidade dos eventos na Tailândia, ver MARKS, Thomas A. *Making Revolution: The Insurgency of the Communist Party of Thailand in Structural Perspective* (Bancoc: White Lotus, 1994) e também MARKS, *Maoist Insurgency Since Vietnam* (Londres: Frank Cass, 1996), particularmente o capítulo 1 (pp.19-82).
2. Ver MARKS, Thomas A. "Government Policy as a Reflection of the Development Model: The Case of Accelerated Rural Development (ARD) in Northeast Thailand," *Journal of East & West Studies* (Seul) 10, n.º.1 (1981): pp.59-95.
3. Ver KEYES, Charles F., *Isan: Regionalism in Northeast Thailand* (Ithaca, NY: Cornell University, 1967). Para pesquisas de atitude, ver Somchai Rakwijit, *Village Leadership in Northeast Thailand and Study of Youth in Northeast Thailand* (Bancoc: Joint Thai-US Military Research and Development Center, 1971).
4. Ver, Komsan Madukham. *Dong Prachao: Land of the Dead* (Bancoc: Pitakpracha, 1977) [em tailandês]. Este é um volume útil; um entre os dezoito trabalhos que Somchai Rakwijit, pesquisador diretor para CSOC/ISOC, providenciou para que seus funcionários produzissem utilizando pseudônimos. Os autores portanto, obtiveram acesso a todos os dados disponíveis, o que inclui materiais classificados.
5. Entrevista com, Somchai Rakwijit; Bancoc, 13 de maio de 1986. Ver também: JENKINS, David. "The Hit-Run 'Government,'" *Far Eastern Economic Review* (a ser definido a partir daqui como *FEER*), 23 de julho de 1973, pp. 26-27. A precisa combinação destes elementos em qualquer período em particular foi problemática. Mais comumente que não, a nomenclatura-base para a identificação de uma área particular de atividades do CPT era designá-la como uma "zona". Uma zona poderia abarcar quaisquer elementos, desde uma vila até uma província.
6. ZIMMERMAN, Robert F. "Insurgência na Tailândia", *Problems of Communism* (May-June 1976): 27. Detalhes adicionais podem ser encontrados em VANDER KROEF, Justus M. "Guerrilla Communism and Counterinsurgency in Thailand," *Orbis* 17, no.1 (Spring 1974): pp.106-39 (ver especialmente pp. 119-22).
7. MCGHEE, Ralph W. *Deadly Deceits: My 25 Years in the CIA* (New York: Sheridan Square, 1983), p.109.
8. Zimmerman (página 21) observa: "As vezes, há considerável controvérsia dentro e entre as várias agências governamentais (tailandesas e estrangeiras) acerca de onde 'Comunistas' são ou não ativos"
9. Porções desta seção apareceram em meu "Thailand's Terror Years," *Soldier of Fortune*, Agosto de 1990, pp.30-37 (cont).
10. Entrevista com Saiyud Kerdphol, ex-Comandante Supremo da Força Armada Real da Tailândia, Província de Phayao, 31 de agosto de 1987.
11. Ver ABRAMS, Arnold and Chiang Kham, "Mountains of Discontent," *FEER*, 2 de julho de 1970, pp.20-22.
12. Ver THOMSON, John R., "The Burning Mountain," *FEER*, 25 de abril de 1968, pp.218-20.
13. Ver, por exemplo, a avaliação contida no Community Development Program, *Summary of National Community Development Programme Thailand* (Bancoc: Departamento do Interior, 1961).
14. Para um exemplo de tal literatura, ver Community Development Bureau, Thanom Kittikachorn, *Trends in Community Development* (Bancoc: Departamento do Interior, 1964); e Vichit Sukaviriya, ed. *Facts about Community Development Programs* (Bancoc: Ministério do Interior, 1966).
15. Bureau de Desenvolvimento Comunitário, 1.
16. TANHAM, George K. *Trial in Thailand* (Nova Iorque: Crane, Russak, 1974), p.75.
17. Ver, por exemplo, DAKIN, Ralph E. ed., *Security and Development in Northeast Thailand: Problems, Progress and the Roles of Amphoe, Tambol and Muban Government* (Bancoc: USOM/Tailândia, 1968); e USOM/Tailândia, *Impact of USOM Supported Programs in Changwad Sakorn Nakorn* (Bancoc: 1967). Maiores análises encontram-se em BELL, Peter F. "Thailand's Northeast: Regional Underdevelopment, 'Insurgency', and Official Response," *Pacific Affairs* 42, n.º.1 (Spring 1969): pp.47-54.
18. Este é um tema central em, por exemplo, Chaianan Samudavanija, Kusuma Snitwongse e Suchit Bunbongkarn, *From Armed Suppression to Political Offensive: Attitudinal Transformation of Thai Military Officers since 1976* (Bancoc: Instituto de Segurança e Estudos Internacionais, Universidade de Chulalongkorn, 1990). Para uma abordagem alternativa que segue uma agenda ampliada de reações à percepção de ameaças, ver MARKS, Thomas A. "The Thai Approach to Peacemaking since World War II," *Journal of East & West Studies* (Seul) 7, n.º.1 (Abril de 1978): pp.133-55, e MARKS. "An Eclectic Model of Thailand's Participation in the Vietnam War," *Peace Research* (Ontario) 11, n.º.2 (Abril de 1979): pp.71-76.
19. Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (U.S. Agency for International Development), Introdução à Apresentação do Programa ao Congresso/Proposta FY1971 Program (sem data).
20. Para detalhes sobre estes desdobramentos, consultar KLARE, Michael T. *War Without End* (Nova Iorque: Vintage Books, 1972); FITZGERALD, Frances. *Fire in the Lake* (Boston: Little, Brown, 1972); HALBERSTAM, David. *The Best and the Brightest* (Greenwich, CT: Fawcett Publications, 1972).
21. Para uma seleção representativa, ver United States Military Academy, *Revolutionary Warfare*, 6 volumes. (West Point, NY: Department of Military Art and Engineering, 1967); Naval War College, *Selected Readings for Counter-insurgency Course*, 4 volumes. (Newport, RI, 1968); THOMPSON, Robert. *Defeating Communist Insurgency* (Nova Iorque: Praeger, 1966).
22. TANHAM, 115-50.
23. *Ibid.*, 115-28.
24. A regra do não-combate não se aplicava às operações clandestinas ("black ops"), tais como a utilização durante o período entre março de 1966 a janeiro de 1967, de um conjunto de helicópteros afiliados ao 606º Esquadrão de Comandos Aéreos dos EUA, em suporte às ações tailandesas no norte e nordeste.
25. Os batalhões relacionados haviam sido formados na Tailândia após serem recrutados pelo exército tailandês. Aparentemente eles haviam sido treinados pela CIA e membros específicos das Forças Especiais dos EUA. Udorn foi o local do "HQ 333" para as forças tailandesas no Laos. Cada unidade era montada em torno de um centro de membros do exército tailandês, todos os quais "davam baixa" antes de tornar-se "voluntários." O custo inicial aos Estados Unidos havia sido de US\$26 milhões anualmente com os gastos da folha de pagamentos, um terço do montante de toda a ajuda orçamentária dos EUA para o Laos. Na época, os rebeldes Pathet Lao, os quais conseguiram operar apenas graças a presença norte vietnamita, reivindicaram que metade das "forças de governo do Laos" eram na realidade, tailandesas. O equilíbrio daquelas forças era feito por membros da tribo Hmong do "Exército Secreto" sob Vang Pao.
26. Um tratamento mais detalhado pode ser encontrado em MARKS, Thomas A. "The Thai Monarchy under Siege," *Asia Quarterly* (Bruxelas) n.º. 2 (1978): pp.109-41; e MARKS. "The Status of the Monarchy in Thailand," *Issues & Studies* (Taipe) 13, n.º.11 (Novembro de 1977): pp.51-70.
27. Esta organização rival, o Novo Partido (*Pak Mai*), foi posteriormente revelado como sendo o Partido de Liberação Thai Isan, fundado no Vietnã em 22 de outubro de 1979. Ver "Northern Separatists," *FEER*, 4 de abril de 1980, p.7.
28. Muito do material necessário, particularmente aquele relacionado a personalidades havia sido extraído de experiências pessoais. Eu estou também em débito para com as discussões com Saiyud Kerdphol; Anthony "Tony" Paul, ex-editor regional (Ásia) do *Reader's Digest*; John McBeth, ex-correspondente na Tailândia para o *FEER*; Mike Jones, ex-Tenente-Coronel, do Serviço Aéreo Especial (*Special Air Services — SAS*) e consultor em segurança; e John Cole e Denny Lane, ambos ex-enviados diplomáticos do Exército dos EUA em Bancoc. Em certos casos, essa discussões estenderam-se por mais de uma década e ocorreram em diversos lugares e situações.
29. Entrevista com Saiyud Kerdphol, Província de Phayao, 31 de agosto de 1987.
30. Ver: Chaianan Samudavanija, Kusuma Snitwongse e Suchit Bunbongkarn.
31. Textos comentados podem ser encontrados em Sarochna Robbarmung, *Internal Security, Kingdom of Thailand*, trabalho acadêmico não-publicado, datado de 11 de fevereiro de 1987, elaborado para a Escola de Guerra dos EUA (U.S. Army War College). Várias fontes suportam que Prem escreveu a 66/23 de punho próprio. Este não é um documento longo. Eu fui incapaz de confirmar a real autoria, apesar da certeza de que a Ordem do Primeiro Ministro (PMO) foi fruto de muito debate entre o pequeno círculo que consistia dos oficiais citados.
32. Sarochna, 2, 33, *Ibid.*, 5.
34. Ver n.º 28.
35. Entrevista com Saiyud Kerdphol, Bancoc, 13 de maio de 1986.
36. Estes são números apresentados por MUECKE, Marjorie A, "The Village Scouts of Thailand," *Asian Survey* 20, n.º 4 (abril de 1980): p.407.
37. PAUL, Anthony. "The Jungle War the Communists Lost," *Reader's Digest*, edição asiática, outubro de 1984, pp. 2-6, apresenta como sendo o auge das forças do CPT um montante de 14.000 rebeldes armados, com outros 20.000 indivíduos diretamente envolvidos em atividades de suporte. Nenhuma estimativa jamais situou a base popular ao nível dos 2,5 milhões de pessoas, número experimentado pelo Programa de Treinamento dos Village Scouts, um curso de uma semana.
38. Paisal Sricharatchanya, "Security: Playing the Same Game," *FEER*, 18 de dezembro de 1981, pp.15-16.
39. Ver, por exemplo, COYNE, Jim. "Thailand's Battle Road," *Soldier of Fortune*, fevereiro de 1982, pp.37-43 (cont).
40. Em um bem-humorado artigo, "Insights: Sex and the Single Insurgent," *Asiaweek*, 8 de abril de 1983, pag.24, Anthony Paul comentou: "conforme os rebeldes que se rendiam corriam para os "braços abertos" do exército nos últimos doze meses, o corpo militar tem se surpreendido com as prioridades dos rebeldes desistentes em suas primeiras horas de coexistência com o capitalismo. Disse um coronel estacionado em Phitsanulok: 'tanto o quanto eu fui capaz de auferir, um comunista é alguém com excessivo interesse em frutos do mar (notavelmente ausente na dieta das selvas) e sexo. Marx falou algo sobre isso?'"
41. Para uma excelente sinopse, ver PAUL, Anthony. "Winding Down a War," *Asiaweek*, 8 de abril de 1983, pp.16-24.